

ROSALÍA DE CASTRO

POESIA E NACIONALIDADE GALEGA

Cleudene Aragão

1. Língua, identidade e nação na construção das Literaturas Nacionais:

A classificação das literaturas ditas “nacionais” é um tema que tem gerado muita polêmica. O critério mais utilizado para identificar a literatura de uma nação é a correspondência entre a língua falada pelo povo e a língua em que é escrita a sua literatura. Tendo em vista que essa designação “literatura nacional” (relacionada somente ao critério lingüístico) nem sempre abrange todas as manifestações literárias de um determinado sistema literário, pode ser entendida como uma idéia forjada e mal compreendida pelos que não podem ser incluídos nesse esquema.

Um dos maiores problemas dessa fórmula é o caso da literatura africana. Escrita em português, inglês ou francês, as línguas dos colonizadores, pela total impossibilidade de divulgá-la se escrita em uma das muitas línguas africanas, seria por isso menos africana, se revela a cultura de seu povo? Antonio Candido também discute a problemática desses países que convivem com línguas oficiais diferentes das suas e

...enfrentam o grave problema de escolher o idioma em que deve manifestar-se a criação literária. Os escritores africanos de língua européia (francesa, como Léopold Sendar Senghor, ou inglesa, como Chinua Achebe¹⁴) se afastam duplamente dos seus públicos virtuais; e se amarram, ou aos públicos metropolitanos, distantes em todos os sentidos, ou a um público local incrivelmente reduzido.¹⁵

Podemos então aceitar a inexistência de uma literatura nacional africana, quando sabemos que mesmo escrevendo em uma língua diferente, esses autores lutam pela construção da identidade nacional?

14 Ou portuguesa, como Mía Couto.

15 CANDIDO. A educação pela noite, p.144

Construindo-se como um desafio à instituição literária, as literaturas emergentes, às vezes ainda próximas de seu passado colonial (como por exemplo, as jovens nações africanas), estão destinadas a desempenhar um papel fundamental na elaboração da consciência nacional.¹⁶

Itamar Even-Zohar, em sua Teoria dos Polissistemas, formulada “a comienzos de la década de los setenta en la Universidad de Tel-Aviv”¹⁷ e conhecida internacionalmente, pois insere os estudos literários no panorama mais amplo da Ciência da Cultura e projeta muitas luzes sobre os diversos problemas de interpretação que as realidades polifônicas vêm suscitando ao longo do tempo, em sociedades multiculturais, define um Polissistema como

... un sistema de sistemas que se interseccionan, funcionando como un todo estructurado cuyos miembros son interdependientes, y en el que además pueden utilizarse diferentes opciones que coexisten a la vez. Se trata, pues, de una estructura abierta, múltiple y heterogénea, en la que concurren varias redes de relaciones.¹⁸

Alguns dos fenômenos dos quais se ocupa a Teoria dos Polissistemas começam pela relações intrassistêmicas, ou seja, entre os estratos de um mesmo polissistema, chegando às chamadas intersistêmicas, as interferências entre polissistemas, fundamentais para os estudos de Literatura Comparada.

As relações intrassistêmicas tratam, dentro do polissistema em questão, do funcionamento dos vários fatores que o compõem, e da dinâmica existente entre o que se classifica como o seu centro (os valores canonizados) e aquilo a que chamam a periferia (os não-canonizados), postos que, na análise de Even-Zohar, devem estar em constante renovação, sendo ocupados por elementos diferentes, sob pena de que o polissistema envelheça e se cristalice, pois “el repertorio canonizado de un sistema literario se estancaría si no fuese por el estímulo de los estratos no canonizados que amenazan

16 BERND. Literatura e identidade nacional, p.13

17 IGLESIA SANTOS. El sistema literario: Teoría empírica y teoría de los polisistemas, p.327.

18 IGLESIA SANTOS. Idem, p. 331

con reemplazarlo”¹⁹. A análise polissistêmica traz à tona portanto, aspectos da literatura até então sub-estimados como manifestações mediócras: a literatura oral, a literatura infantil, a literatura de consumo, etc.

Os fatores do polisistema foram pensados para dar voz a outras manifestações que não as ligadas ao texto escrito, visto que Even-Zohar entende por literatura “...todo un conjunto de actividades, sólo parte de las cuales son los ‘textos para ser leídos’, o ‘textos para ser escuchados’ o incluso ‘comprendidos’. En pocas palabras (...) estas actividades incluyen la producción y el consumo, el mercado y las relaciones de negociación entre normas.”²⁰

A teoria dos polissistemas reconhece, portanto, a relevância de manifestações literárias até então consideradas marginais, minoritárias ou periféricas e compreende que os grandes sistemas literários estão, de fato, compostos por múltiplos polissistemas com características peculiares e muitas vezes divergentes dos padrões estabelecidos como canônicos inclusive escritos em línguas diferentes ou mesmo na modalidade oral.

Devemos, portanto, mesmo reconhecendo a fragilidade da identificação língua-literatura nacional, considerar o fundamental papel da língua para a consolidação de culturas consideradas “minotárias”. A utilização da língua própria, nesses casos, é vista como uma marca da identidade cultural e tentativa de afirmação do polissistema, e a difusão dessa língua, através da literatura, como de fundamental importância para a construção da identidade de um povo.

O conceito de identidade torna-se recorrente no domínio dos estudos literários a partir do momento em que as literaturas minorizadas no interior dos campos literários hegemônicos recusam a classificação de literaturas periféricas, conexas e marginais e reivindicam um estatuto autônomo no interior do campo instituído.²¹

Além de revelar a identidade, a literatura teve, a partir do século XIX, a “missão” de construir a idéia de nação. Para Luiz Costa Lima, o “romantismo normalizado” passou da expressão apenas do individual para atingir também a esfera coletiva:

19 EVEN-ZOHAR Apud IGLÉSIAS SANTOS. Op. Cit., p.334

20 EVEN-ZOHAR. La función de la literatura en la creación de las naciones de Europa, p.362

21 Ibidem, p.13

... o sujeito individual, no caso o poeta, era tomado como parte do todo a que pertencia, a nação, cujo modo de se refletiria. Eis então asseguradas as condições de prestígio da literatura nacional, daí a legitimação universitária da literatura, enquanto nacional. A literatura então se torna, ao longo do XIX, o veículo por excelência da Bildung, no duplo sentido da palavra: formação e educação.²²

Segundo nos mostra Angela Gutiérrez, o mesmo processo ocorre na construção da literatura nacional no ambiente cultural ibero-americano: “Aproveitando padrões estéticos do romantismo, coetâneo desses processos de criação de nacionalidade, os intelectuais ibero-americanos tentaram moldar uma literatura nacional com a dupla função de construir a nacionalidade e de se constituir como literatura de caráter nacional.”²³

Tratadas as questões sobre as relações entre polissistemas e construção da identidade nacional através da literatura, sentimo-nos melhor preparados para compreender as relações estabelecidas entre o polissistema da literatura galega e os demais polissistemas literários da Espanha. Afinal de contas, um estudo que trate sobre o papel de Rosalía de Castro na consolidação da literatura galega tem que necessariamente passar por questões como língua, identidade cultural, nação, reconhecimento mútuo e encantamento no encontro com o Outro: “A identidade é um conceito que não pode afastar-se do de *alteridade*: a identidade que nega o outro, permanece no mesmo (idem). Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro.”²⁴

2. A diversidade lingüística e literária do mosaico Espanha:

A Espanha, ao contrário do que sua pouca extensão territorial pode sugerir, oferece um vasto mosaico de manifestações culturais totalmente diferentes entre si. Cada região, a exemplo do que acontece com o Brasil, deslumbra o visitante com uma faceta inesperada do País.

A situação lingüística da Espanha, porém, é bastante diferente do caso brasileiro, pois além de possuir uma língua oficial de ampla divulgação em todo o território nacional, conta com um rico panorama de

22 LIMA. Literatura e nação: esboço de uma releitura, p. 35

23 GUTIÉRREZ. Vargas Llosa e o romance possível na América Latina, p.192

24 Ibidem, p.15

línguas e dialetos. Assim, ao lado do castelhano ou espanhol ²⁵, língua oficial do Estado, podemos encontrar quatro línguas co-oficiais: o galego, o catalão, o vasco, e o valenciano ²⁶, além de algumas variantes regionais do castelhano.

A língua galega ²⁷, como as demais da Península Ibérica (com exceção da língua vasca, cuja origem ainda não foi totalmente determinada), vem do ramo indo-europeu e evolui a partir do latim sendo, portanto, uma língua romance. Recebe, no entanto, algumas contribuições especiais, com a chegada, sobrepondo o seu substrato pré-indo-europeu, das influências celtas, que deixaram marcas lexicais ainda hoje reconhecíveis.

Não podemos, portanto, utilizar para os polissistemas literários do Estado espanhol, o mesmo método de classificação das literaturas que representam os vários estratos do polissistema literário brasileiro pois, considerando a literatura de cada região e observando o critério lingüístico, podemos dizer que a literatura cearense é uma parte da literatura brasileira, pois também é escrita em português como a da Bahia, ou a do Rio Grande do Sul. O mesmo não se pode afirmar sobre as literaturas galega, vasca e catalã, pois cada uma se expressa numa língua própria, diferente da espanhola.

Para aprofundar mais ainda essas dificuldades na classificação, fomos buscar respostas no âmbito dos estudos polissistêmicos, que procuram justamente estudar a “heterogeneidad de las sociedades multilingües y las interferencias entre sistemas literarios”²⁸.

25 “Para designar la lengua común de España y de las Repúblicas hispanoamericanas pueden emplearse los nombres de castellano y español. En muchas regiones se usan indistintamente las dos palabras. Sin embargo, en América y en algunas zonas de España se prefiere la denominación de castellano (...) En las regiones de España con lengua materna propia, el nombre de castellano parece mucho más adecuado que el de español, porque _ y esto es indiscutible_ tan español es el catalán, el gallego o el vascuence como el castellano.” Seco. Diccionario de dudas de la lengua española, p.185. Seguindo essa indicação de Manuel Seco, preferiremos neste trabalho a designação castelhano a espanhol, pela referência constante que faremos às outras línguas da Espanha e às suas respectivas literaturas.

26 O valenciano, considerado até bem pouco tempo um dialeto do catalão, foi erigido ao status de língua oficial no Estado espanhol, oficial na comunidade autónoma de *València*. De acordo com esta informação, a nota anterior está, hoje, desatualizada.

27 Até bem pouco tempo ainda se difundia a idéia de que o galego era apenas um dialeto, como podemos observar nesta afirmação (um tanto ambígua): “Hoje se falam também dialetos bem definidos, dos quais o galego, falado em todo o oeste da Espanha, se encontra mais próximo do português do que a língua culta espanhola, podendo também ser considerado como língua autónoma.” Störig, Jans Joachim. *A aventura das línguas*. Trad. Glória Paschoal de Camargo. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

28 IGLESIAS SANTOS, Op. cit. p. 345

Sobre a convivência entre vários polissistemas literários diferentes num mesmo Estado, um dos propagadores da Teoria dos Polissistemas na Bélgica, José Lambert, propõe para compreender melhor essa realidade, “...trabajar con sistemas literarios o literaturas en plural, localizados de manera concreta, es decir, no hablar de literatura belga, flamenca, valona, o francesa, sino de *literaturas en Bélgica, en Flandes, en la Bélgica francófona...*”²⁹

Segundo esse ponto de vista, deveríamos falar de LITERATURAS NA ESPANHA. Sob essa denominação poderão conviver harmonicamente as literaturas castelhana, galega, catalã e vasca sem que, nas análises que delas façamos, nenhuma delas seja absorvida por um polissistema dominante, permitindo assim que todos os polissistemas envolvidos brilhem com igual intensidade dentro desse surpreendente mosaico chamado Espanha.

É significativo, e devemos mencionar, não necessariamente como ligação direta com a teoria da qual vínhamos tratando até agora mas, como curiosidade, o fato de que uma das maiores e hoje clássicas coleções de história da literatura brasileira, a obra de Afrânio Coutinho, chame-se A LITERATURA NO BRASIL, provavelmente por continuar a discussão, que acompanhamos anteriormente, sobre o que realmente é literatura brasileira e quando nasce efetivamente. Nessa obra, segundo o autor: “Suas divisões correspondem aos grandes estilos artísticos que tiveram representação *no Brasil*, desde os primeiros instantes em que homens aqui pensaram e sentiram, e deram forma estética a seus pensamentos e sentimentos.”(grifo nosso)³⁰ Para Afrânio Coutinho, em sua posição contrária aos que defendem o nascimento da nossa literatura só após a Independência:

..por maiores que hajam sido os laços de subordinação às vezes até procurada por muitos escritores que porfiavam em considerar-se portugueses, não há como pretender disfarçar a “novidade” do que no Brasil se produziu desde o início, quando a imaginação do homem nôvo passou a construir suas imagens em termos da nova realidade.

Assim, os quatro séculos de literatura no Brasil acompanham

29 LAMBERT Apud IGLESIAS SANTOS, idem, p. 345

30 COUTINHO. *A literatura no Brasil*, v.1, p.21

a marcha do espírito brasileiro, nas suas mutações e na sua luta pela auto-expressão.(grifos nossos)³¹

Conforme esboçamos no estudo sobre a situação das Literaturas na Espanha, e veremos mais detidamente aqui, a literatura galega configura-se como um polissistema literário independente do castelhano, principalmente porque se expressa em uma língua diferente da castelhana.

Sobre o que seria a literatura galega, recorreremos aos estudos de historiadores literários e escritores galegos que defenderam o critério filológico para explicá-la. Segundo estes autores, a literatura galega corresponde necessariamente à literatura *em galego*.

Considerando-se que a *Galiçia*, pela a imposição do castelhano como língua oficial, viveu durante muito tempo uma situação de ambigüidade lingüística _ a diglossia³² _ na qual em muitos momentos se privilegiou o uso do castelhano em detrimento do galego, esta postura crítica sobre a literatura galega é muito significativa.

Podemos perceber que, segundo o professor e historiador Ricardo Carballo Calero, a língua em que se escreve deve ser o parâmetro utilizado para classificar as literaturas: “Técnicamente, é o idioma empregado o que caracteriza ás distintas literaturas (...) Nen a nacemento do autor nen os ambientes descritos son criterios axeitados pra determinar a inclusión das obras dentro dos marcos dunha ou outra literatura (...)”³³ Dentro desse posicionamento teórico, portanto, este estudioso reconhece como legítima literatura galega apenas

... a literatura en galego. É certo que durante os séculos XIX e XX o espírito galego se ten espesado non só en galego, senón tamén en castelán, e temos escritas niste derradeiro

31 COUTINHO. Idem, p. 29

32 “2. Dá-se às vezes a diglossia o sentido de situação bilingüe, na qual uma das duas línguas é de status sócio-político inferior...” DUBOIS et al. Dicionário de lingüística. p.190 “...o autor [Charles Ferguson] define a diglossia como a relación estable entre dúas variedades lingüísticas, a chamada ‘alta’ (high) e a ‘baixa’ (low), emparentadas xeneticamente (...) Fishman modifica a concepción de Ferguson en dous puntos importantes porque opón o bilingüismo (a capacidade dun individuo de utilizar varias línguas) que competería á psicolingüística, fronte a diglossia (utilización de varias línguas nunha sociedade) que competería á sociolingüística (...) Conservaremos pois a noción de diglossia no seu sentido máis amplo, no máis apto para o enfoque sociolingüístico (relacións funcionais e sociais entre línguas ou variedades de línguas diferentes)...” CAJ.VET. A guerra das línguas; e as políticas lingüísticas.p.41-47.

33 Apud Rodríguez. Literatura galega contemporánea. p.73

idioma algunhas obras nas que se espellan certos aspectos da vida galega com nidez e fondura innegabres. Isto só siñifica que a literatura castelá posee libros de tema galego, e que moitos galegos teñen ilustrado as letras castelás.³⁴

Da mesma opinión compartilha a profesora e também estudiosa da literatura galega, Pilar Vázquez Cuesta, quando afirma, categoricamente, que a não-utilização nas obras da língua da *Galicia*, mesmo com a inclusão de temas galegos, exclui ditos autores da literatura galega:

Pues claro es que, al hablar de literatura gallega, nos referimos exclusivamente a la literatura escrita en gallego y no a la que ha brotado de la peripecia geográfica, la meditación intelectual y la imaginación creadora de algunos hijos de Galicia que escogieron como vehículo expresivo el castellano, por mucho que tenga a su tierra natal como fondo o como tema y aunque, unas veces en busca de color local, otras por un involuntario o consciente aprovechamiento de los recursos estilísticos de la lengua del país, esté teñida de galleguidad.³⁵

Francisco Rodríguez, discípulo de Carballo Calero, também adota para o seu *Literatura Galega Contemporánea*, o critério filológico, pois considera escritores galegos apenas aqueles que escrevem em galego. Ultrapassa, no entanto, os limites dessa postura, ao defender que além da literatura que utiliza o galego como instrumento

Nós podemos engadir, ademais, que é aquela que está feita desde dentro do País³⁶. Pode-se, evidentemente, viver o País, desde dentro, de maneiras diferentes: pode-se cavilar que non tem futuro pero, así e todo, integramo-nos nel, senti-lo como noso e desde nós (...) **Na literatura que está escrita en galego albisca-se, cando menos,**

34 Ibidem, p.73

35 VÁZQUEZ CUESTA. *Literatura gallega*, p.622.

36 Quando a maioria dos escritores e críticos literários galegos se refere a "O País" fala da *Galicia* e não da Espanha. O mesmo ocorre com a palavra "Nação", fenómeno que pudemos perceber em nosso estudo do nacionalismo galego.

a configuración dun pobo con vida.” (...) Estas aspiracións e sentimentos veiculizan-se através da nosa língua.³⁷

Completa a sua reflexão concluindo que, como poderemos observar em muitos momentos da literatura galega, a opção pela escrita em espanhol ou galego acaba por ser uma opção ideológica, pois, na sua opinião: **“Utilizar un idioma ou outro, nun contexto como o noso, corresponde a diferentes actitudes ante a realidade global.”**³⁸

Essa classificação, fundamentada no puramente lingüístico, encontra entretanto oposição ou, quando menos, deixa dúvidas. Num estudo sobre a Teoria dos Polissistemas ao qual já nos referimos, Montserrat Iglesias Santos, apesar de não negá-la diretamente, relativiza-a:

Si el criterio utilizado para definir una literatura nacional aparenta ser el lingüístico, ¿ por qué la mayoría de los gallegos consideran entre sus escritores más reconocidos a Ramón del Valle-Inclán y Camilo José Cela, no habiendo escrito ninguno de ellos una sola de sus obras en lengua gallega? ³⁹

Não podemos ratificar se realmente a maioria dos galegos considera os autores citados como pertencendo à literatura galega. Há, na verdade, uma polêmica sobre se fazem ou não parte do acervo de escritores galegos. Dentre aqueles que os historiadores literários galegos não consideram dessa maneira, temos como exemplos mais famosos: Emilia Pardo Bazán, Ramón María del Valle-Inclán, Camilo José Cela e Gonzalo Torrente Ballester.

Sobre Cela e Torrente Ballester, recentemente pudemos ver, em um suplemento monográfico da revista *Época* sobre a *Galícia*⁴⁰, que são considerados “hombre ilustres con acento gallego”. Cela, segundo a revista “escritor universal”, não é visto como representante da literatura galega; Já sobre Torrente Ballester, instala-se a ambigüidade, pois o retratam como **“Uno de los astros de la literatura española. Y de la gallega.”**

37 RODRÍGUEZ. op. cit. p.11

38 Ibidem, p.11

39 IGLESIAS SANTOS. Op.cit.,p.345

40 *Revista Época* n° 648, del 22 al 28 de julio de 1997 suplemento especial GALICIA MÁGICA p.38-41.

Da literatura galega porque “En muchas de sus obras retrata Galicia, su gente, su paisaje, el olor de la tierra mojada... Algo que conoce bien”.

Plenamente reconhecidos no cenário espanhol e internacional, estes e outros galegos não produziram suas obras em língua galega⁴¹, portanto costuma-se considerar que contribuíram apenas para o engrandecimento da cultura castelhana:

Aun conservando la misma temática y bien teñidas de color local, esas obras escritas en outro idioma ya no van a fecundar la tradición literaria del oprimido, de aquél al que se está privando de toda clase de medios de embellecimiento y fijación con el fin de que se transforme lo antes posible en un patois, sino a enriquecer la de la lengua dominadora. ⁴²

Vimos que Pilar Vázquez Cuesta lamenta essa situação, pois lhe parece que os galegos ilustres citados (e outros que enumera) poderiam ter contribuído ao pleno desenvolvimento da literatura galega, abrilhantando-a tanto com seu inegável talento, com o amadurecimento em galego dos gêneros que cultivaram, como com a força de congregar e estimular o nascimento de novos valores.

A equipe que elaborou o *Diccionario da literatura galega* parece, a princípio, ter uma visão muito abrangente da classificação dos autores galegos quando inclui, por exemplo, os nomes de Cela e Torrente Ballester. No entanto, um exame atento dos verbetes correspondentes nos revela que estão ali representados apenas pelas obras que produziram em galego, ainda que esporádicas ou pouco expressivas. O dicionário reflete também o costume bastante estendido no meio acadêmico galego⁴³ de valorizar as produções alófonas, ou seja, de escritores não-galegos que escreveram em língua galega, cujo exemplo mais clássico é Federico García Lorca, com os seus *Seis poemas galegos*. Considera ainda muito importante o trabalho dos que, em um momento histórico determinado, escreveram em castelhano, mas lutando pela revitalização do galego:

41 Salvo os casos relacionados pelo *Diccionario de Literatura Galega* no verbete de cada autor.

42 VÁZQUEZ CUESTA, op. cit. p.623

43 Veja-se o trabalho realizado pelo professor Xesús Alonso Montero, Catedrático de Literatura Galega da Universidade de Santiago de Compostela, na organização de congressos para divulgação e compilação das produções dos poetas alófonos.

O primeiro criterio que orientou a selección dos autores que figuran no volume foi o lingüístico. Así, foron tidos en consideración todos aqueles que teñen cando menos publicada unha obra en lingua galega. Mais este criterio flexibilízase cando se trata dos autores do noso **Rexurdimento** e **PreRexurdimento**: é obvio que a relevancia do factor lingüístico era percibida daquela como non necesariamente determinante para a configuración do sistema literario polos seus propios membros. Respondendo a consideracións paralelas, acollemos tamén os casos máis interesantes que se coñecen de alofonía en lingua galega.⁴⁴

Mesmo os defensores da utilización do galego na creación literaria e da clasificación de escritores galegos apenas para os que assim o fazem, não deixam de reconhecer no entanto que, na *Galicia*, muitas contingências históricas determinaram que grandes talentos da literatura escrevessem em castelhano, como o compreende a professora Pilar Vázquez Cuesta:

De ahí que sea normal, dentro de la anormalidad de la diglosia, que escritores que utilizan en familia o con los amigos la lengua de su pueblo escojan para sus libros aquella que constituye en el país símbolo de cultura y alto status social, única además en la que habrán sido alfabetizados y en cuya tradición literaria se les ha instruido⁴⁵

Questões como alfabetização apenas em castelhano, *status*, discriminação, falta de público, pouca proxección cultural, inexistência de editoras e outras dificultades máis, fizeram com que muitos escritores tivessem que optar por escribir em castelhano, como podemos comprovar no depoimento de Rafael Dieste:

Son un escritor eminentemente galego (...) Se escribín en castelán foi porque daquelas o galego aínda non estaba,

44 VII. A VEDRA FERNÁNDEZ, Dolores. *Diccionario da literatura galega*, p.11

45 VÁZQUEZ CUESTA, op. cit. p.623

podemos dicir feito... non estaba normativizado; a prosa galega aínda non estaba formada aínda que o pobo seguía falando e expresándose moi ben nela. Pero aínda non estaba adoptada polos escritores (...) Non todos os escritores galegos escribiron en galego, e non é tampouco que o escritor galego se compra de escribir en castelán; senón que como ese idioma está entre nós podémo-lo adoptar como vehículo de comunicación máis amplo. O escribir en galego ou en castelán non corresponde a unha escolleita voluntaria. ⁴⁶

Afortunadamente, aquela situación de marginalidade da literatura galega vem sendo transformada dia a dia, com a implantação do galego em todas as esferas da vida pública e a superação da maioria das dificuldades apontadas. Reservados os problemas de qualquer polissistema literário, hoje o jovem escritor pode escrever em galego com a certeza de que existem editoras que publicam obras na sua língua e que existe público para as suas obras. Porém, sabe que escrever também em espanhol vai garantir-lhe um maior raio de alcance.

Temos que concordar com os autores que acreditam que escritor galego é o que escreve em língua galega, pois também consideramos que a língua é o maior signo de identidade de uma literatura. Não radicalizamos porém, e pensamos que também devem ser considerados escritores galegos aqueles que, numa situação histórica em que utilizar o castelhano era a única maneira de lutar pela *Galicia*, assim o fizeram e contribuíram para a revalorização do povo e da cultura galega.

Ultrapassada a etapa em que refletiríamos sobre o que é a literatura galega, devemos necessariamente traçar-lhe um breve panorama histórico ⁴⁷ estritamente vinculado à evolução da língua na qual se expressa ⁴⁸.

46 ROMERO. *Entrevistas com R. Dieste*, p.105

47 Não pretendemos esgotar o tema, apenas apresentar alguns pontos básicos da evolução da literatura galega.

48 Fundamentamo-nos para esta parte, no folheto *Historia da lingua galega*, publicado pelo departamento de Política Lingüística da Xunta de Galicia. Não podemos, tendo em vista que a natureza e a extensão do nosso trabalho não o permitem, aprofundarmo-nos no estudo da história e das características da língua galega, razão pela qual remetemos a algumas obras importantes sobre essa questão: ÁLVAREZ, R. MONTEAGUDO, H. REGUEIRA, X.L. *Gramática galega*. Vigo: Galaxia, 1995. FERNÁNDEZ REI, F. *Dialectoxía da lingua galega*. Vigo: Xerais, 1991. _____. HERMIDA GULÍAS, C. *A nosa fala. Bloques e áreas lingüísticas do galego*. Santiago de Compostela: Arquivo sonoro de Galicia do Consello da cultura galega, 1996. (tres casetes e un libro) GARCÍA GONDAR, F. (dir.). *Repertorio bibliográfico da lingüística galega*. Desde os seus inicios ata 1994 inclusive. Santiago de Compostela: CILL Ramón Piñeiro - Xunta de Galicia, 1995. INSTITUTO DA LINGUA GALEGA. ÁLVAREZ, R. (coord.) *Atlas lingüístico II. Morfoloxía non verbal*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié

3. A Galicia se vê silenciada e liberta o seu grito

É a nosa unha literatura cívica como poucas, unha literatura, por tanto, chea de páxinas nas que o escritor, solidario e xusticieiro, toma partido en favor dos que sofren a historia: en favor dos que non teñen pan ou dos que non teñen máis ca esa mínima subsistencia chamada 'pan enxebre'. **Xesús Alonso Montero**⁴⁹

Os que fazem a historiografía literária galega costumam estar de acordo em que a literatura galega apresenta, ao longo de sua trajetória, três períodos bem definidos: a Época Medieval; os Séculos Escuros (XVI-XVIII); e a Época Moderna ou Contemporânea ⁵⁰, ao longo dos quais esta literatura tem sido condicionada, de um modo todo especial, pela evolução histórica e socio-cultural da terra que vem sendo matéria-prima para sua criação. Cada uma dessas fases corresponde a um período de maior ou menor esplendor na utilização da língua galega nos textos literários. Preferimos, no entanto, por considerá-la mais atual, adotar a divisão de Anxo Tarrío Varela que, na sua *Literatura Galega*, propõe quatro períodos para a exposição da literatura galega: Época Medieval, Séculos Escuros, Século XIX e Século XX.

Depois do esplendor das cantigas medievais, produzidas em galaico-português, inicia-se, a partir de finais do século XV, o momento da história da *Galícia* e de sua literatura, conhecido como os Séculos Escuros ou Obscuros. Presenciando, já desde o século anterior, a progressiva penetração do castelhano na comunicação oficial, a *Galícia* vai sofrer as consequências das escolhas de seus nobres nas sucessões dinásticas em *Castilla*, como nos mostra Anxo Tarrío Varela:

de la Maza, 1995. INSTITUTO DA LINGUA GALEGA. FERNÁNDEZ REI, F. (coord.) Atlas lingüístico I. Morfoloxía verbal. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1990. MONTEAGUDO, H.(ed.). Estudios de sociolingüística galega. Sobre a norma do galego culto. Vigo: Galaxia, 1995. REGUEIRA FERNÁNDEZ, X. L. (coord.). Guía bibliográfica da lingüística galega. Vigo: Xerais, 1996. REAL ACADEMIA GALEGA. INSTITUTO DA LINGUA GALEGA. Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego. Santiago de Compostela: RAG/ILG, 1995. SANTAMARINA, A. A dialectoloxía galega: historia e resultados. In: KREMER, D. LORENZO, R (ed.). Tradición, actualidade e futuro do galego. Actas do coloquio de Tréveris. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, Consellería de Cultura, 1982. P.153-187.

49 ALONSO MONTERO. *Discurso pronunciado por Xesús Alonso Montero no acto en que recibiu o Pedrón de Ouro*. Apud: MORENO MÁRQUEZ. In: rodríguez fer (org.) Comentario de textos populares e de masas. p.123

50 Existem, quanto à nomenclatura adotada para o período desde o século XIX, algumas divergências metodológicas: Enquanto Pilar Vázquez Cuesta chama moderno o período desde inícios do século XIX até a atualidade (de então), Francisco Rodríguez chama literatura contemporânea, àquela que vai desde a transição ao contemporâneo, a partir de 1808, até as produções do século XX.

... cómpre lembrar as pouco afortunadas ocasións en que os nobres galegos decidiron pronunciarse a favor, primeiro, do derrotado don Pedro de Borgoña fronte a Don Enrique de Trastamara e, despois, da destronada Juana la Beltraneja, fronte a Isabel. Ben podemos dicir que Galicia apostou sempre ó revés nas encrucilladas históricas de entón.⁵¹

Depois de um longo período de obscurecimento da língua e da literatura galegas (proibida e menosprezada durante três séculos), o século XIX e com ele o Romantismo, que tinha como uma de suas marcas a valorização do autóctone, do regional, trarão para a *Galicia*, o *Rexurdimento*, ou seja, o renascer do cultivo do galego escrito e o despontar das idéias nacionalistas na política e na literatura. Divide-se em dois momentos: o dos Precursores, e o do Ressurgimento propriamente dito.

O nacionalismo literário galego não se ocupará das “diferenças” entre a literatura castelhana e a galega, pois a sua história literária já começara com autonomia. O que estará em questão é a dominação a que o Estado espanhol submete a *Galicia*. A literatura do século XIX não terá, portanto, a preocupação inicial que observamos na literatura brasileira de mostrar-se diferente da literatura da metrópole, de lutar pela sua alteridade, conforme podemos perceber na consideração da estudiosa galega Pilar Vázquez Cuesta:

... al disponer de una lengua diferenciada, la literatura gallega no experimenta esa acuciante necesidad de descubrir los rasgos que la distinguen de la de la antigua metrópoli que sienten por aquel tiempo tanto las hispanoamericanas como la brasileña, la realidad social que refleja y los anhelos a que da voz no son homologables con los de otras áreas de la Península.⁵²

51 Tarrío Varela. Op.cit., p.72

52 VÁZQUEZ CUESTA. op.cit, p.718

3.1. O Rexurdimento e o caminho percorrido pelas idéias nacionalistas na Galicia

... eu quixera mellor homes de aición, que loitasen pol-o engrandecimento da nosa Terra, sen medo ao fracaso, nin â censura, nin tansiquera âs pedradas. Porque hai que loitar e crear, e non imos perder a vida metidos nas tripas dos problemas. **Castelao**

Vemos que o Romantismo exerceu sobre a *Galicia* uma grande influência, não especialmente enquanto orientação estética ou estilo literário, mas enquanto concepção de vida no que pregava de revalorização do nacional, de busca da identidade regional. Segundo Fernández del Riego, constatamos que, sob a ideologia do Romantismo: “Os millores puñéronse ao labor de recriar a conciencia de *Galicia*, ergueron a lingua caída, vencellaron o pasado glorioso e desconocido co porvir agardado. Os homes do renacemento galego foron, por eso, todos eles românticos no senso máis esteso e vital da palabra.”⁵³

Em 1846, ocorre um levantamento militar, uma revolução progressista, a fim de conseguir autonomia política para a *Galicia*, que culmina com o fusilamento de alguns dos envolvidos, Os Mártires de Carral, e a expulsão de muitos outros. Este momento histórico motivará alguns poemas e representará, desde então, um exemplo de coragem e de luta pela terra galega pois, conforme nos afirma Pilar Vázquez Cuesta, esses mártires “...van a estar ya siempre presentes en cuantas ocasiones se haga necesario buscar un punto de partida nimbado de heroísmo para la larga marcha hacia la liberación nacional de Galicia...”⁵⁴

Os líderes desse movimento pregavam o Provincialismo e, segundo o historiador galego Luís Obelleiro:

... entenderon Galicia como unha provincia, de aí o nome de provincialistas, e, conscientes da especificidade do seu idioma, da súa historia, da súa economía e do seu folclore,

⁵³ Ibidem, p. 76

⁵⁴ Vázquez Cuesta, Op. Cit., p.745

defendérona para tentar así, que Galicia ocupase un lugar máis relevante dentro do Estado, nun tempo no que a centralización concebíase como modernización.⁵⁵

Os seguidores dessa tendéncia, que buscavam a valorización da *Galicia*, vista “...como unha unidade diferenciada dentro da Península”⁵⁶, aínda non tiñan a consciéncia da utilización do galego como marca da singularidade da súa terra e escribían en castelano pois, naquele momento, “... non se concebía aínda imprescindible a literatura (e menos a divulgación filosófico-literaria) en lingua galega.”⁵⁷ Entre esse líderes, Antolín Faraldo foi considerado un dos máis expressivos e, para a estudiosa galega M.Carme Ríos Panisse, “é o que inicia unha ideoloxía estruturada do galeguismo (...) Inicialmente establecendo a nosa necesidade de liberdade como pobo e logo fornecendo a esta necesidade dunhas bases histórico-filosóficas.”⁵⁸

Consideram-se os principais precursores do movemento de Renacemento da literatura galega autores como Francisco Añón e Xoán Manuel Pintos. Añón, un dos provincialistas que teve que fugir da *Galicia* despois da derrota do movemento, escribiu *A Galicia*, un dos poemas máis importantes desse período, no qual conclama o povo galego a saír do abatimento:

¡Aí!, desperta, adorada *Galicia*
dese sono en que estás debuzada;
do teu rico porvir a alborada
pelo ceo enxergándose vai...⁵⁹

Xoán Manuel Pintos, em 1853, publica *A gaita galega tocada polo gaiteiro, ou sea Carta de Cristus para ir deprendendo a ler, escribir e falar ben a lingua gallega*. Esta obra, de carácter eminentemente didático, é considerada o primeiro libro do século XIX escrito em galego, e prega, através de trechos em prosa e em verso, o respeito pela língua da *Galicia*: “Xa hai

55 Obelleiro. Idade contemporánea (século XIX) In: *Historia de Galicia* 1-2, p.230-231

56 TARRÍO VARELA, *Literatura galega*, p.106.

57 Ríos Panisse, *Nuestra Bandera Literaria* de Antolín Faraldo, primeiro manifesto artístico galeguista. In: *Anuario de Estudios Galegos* 1993, p. 159

58 *Ibidem*, p. 158

59 AÑÓN, A Galicia In: *Literatura Galega*, p.107

tempo que estou eu o Gaiteiro falando só, e dicindo para min: ¿ qué terá, Señor, esta fala galega para ser tan refugada aínda polos mesmos fillos de Galicia?”⁶⁰

Temos aínda que mencionar o papel fundamental dos historiadores e gramáticos nesse inicio de revitalización da alma galega. Benito Vicetto deixou que a fantasía viajase sem freio na sua *Historia de Galicia*, mas guarda importancia porque “... endexamáns deixou de amar a *Galicia* e de traballar por ela...”⁶¹ Manuel Murguía, tamén historiador, formando com a sua esposa, a escritora Rosalía de Castro, uma dupla imprescindível para o desenvolvemento da cultura galega, pautou toda a sua vida e obra na exaltação de sua terra.

Sobre Murguía, um dos principais ideólogos do Galeguismo, o historiador Luis Obelleiro afirma que: “... na ‘*Historia de Galicia*’, superando o enfoque romántico de Benito Vicetto, reconstruiu o noso pasado sobre novos métodos interpretativos, e elaborou o concepto de *Galicia* como nación diferente à española”⁶² Manuel Murguía escreveu, além da sua *Historia de Galicia*, outros trabalhos de caráter histórico como *Los Precursores*, romance, poesia, e pronunciou vários discursos sobre a recuperação dos valores daquele povo sofrido.

Entre os gramáticos, ressaltamos o nome de Xoan Antonio Saco e Arce, primeiro a escrever uma *Gramática Gallega* que, pelo rigor com que foi produzida, mereceu grande credibilidade nos estudos da língua.

Dez anos depois de ocorridos, os trágicos sucessos de 1846 são lembrados com uma reunião entre estudantes e artesãos, o Banquete de Conxo, do qual já participam autores que, entre outros, seriam figuras muito importantes do *Rexurdimento* galego como: Aurelio Aguirre e Eduardo Pondal. Esses escritores são mencionados nesse banquete por haverem discursado, fazendo

60 pintos, A gaita galega In: Literatura Galega, p.106

61 FERNÁNDEZ DEL RIEGO, Op. Cit, p.86

62 Obelleiro, Op. Cit, p.232

brindes revolucionários. Essa nova geração, além das propostas de renovação cultural, preocupava-se com os principais problemas da *Galícia* da época: a questão agrária e a emigração.⁶³

Os novos poetas galegos, companheiros que se congregavam em torno do Liceo de la Juventud, em Santiago de Compostela, apareceram nas letras galegas em 1861, ocasião em que foram celebrados os Xogos Florais da *Galícia* (inspirados nos Jocs Florals de Barcelona, em 1859) e as suas produções foram publicadas pelo organizador do evento, Xosé Pascual López Cortón, no *Album de la Caridad: Juegos Florales de la Coruña de 1861, seguidos de un mosaico poético de nuestros vates gallegos contemporáneos* (onde já aparecem composições de Rosalía de Castro e de Eduardo Pondal). Esta obra, importantíssima, menos por sua qualidade estética que por seu valor documental, foi a primeira antologia poética do ressurgimento galego.

Um movimento com praticamente as mesmas características de revitalização da política e da literatura, a Renaiçença, ocorre à mesma época na *Catalunya*, tendo em vista que aquela região, sua língua e seus costumes, depois de um grande esplendor medieval, foram também vítimas, à exemplo da *Galícia*, de um longo período de prostração, ao qual chamaram Decadência (semelhante aos Séculos Escuros galegos), devido à política centralista do governo espanhol.

Apesar de atualmente reconhecerem que a Renaiçença foi precedida por várias manifestações literárias importantes, os historiadores da literatura catalã costumam considerar como marco inicial do seu ressurgimento, o ano de 1833, no qual Bonaventura Carles Aribau publica, na revista *El Vapor* o seu poema intitulado *Oda a la Pàtria*. Outros fatos relevantes são a publicação, em 1841, de *Lo Gayter del Llobregat*, livro de poemas de Joaquim Rubió i Ors (que tinha como pseudônimo o mesmo título do livro) que, no seu “prólogo-manifesto”, “... recogerá el estado fragmentario en que se encontraba la *Renaiçença* y le dará un impulso decidido...”⁶⁴; e a realização, devida também à sua intervenção, em 1859, dos *Jocs Florals*, nos quais se inspirariam os galegos dois anos depois, como já o mencionamos, e também os vascos alguns anos mais tarde.

63 A emigração foi, por muitos anos, um dos maiores problemas sociais da *Galícia*. Sobre a emigração no século XIX “... calculase unha saída de 500.000 galegos na segunda metade do século, cifra que Bustelo aproxima aos 900.000 para toda a centuria”. Obelleiro, Op. Cit, p.191.

64 COMAS, CARBONELL, *Literatura Catalana*, p.518

Também a literatura vasca, ofuscada por longo tempo, conheceu, no século XIX, um período de renascimento, ainda que não tenha sido tão semelhante ao que viviam a *Catalunya* e a *Galiãa*. Para melhor perceber essa revitalização da literatura de *Euskadi*, o País Vasco, podemos mencionar o papel importantíssimo, entre outros grandes nomes, de José Maria Iparraquirre que, segundo o historiador literário frei Luis Villasante, “...Supo recoger y cantar las inquietudes y anhelos de su pueblo en un momento en que éste se sentía derrotado, herido en sus fibras y esencias más íntimas.”⁶⁵

3.2. A poesia de Rosalía de Castro e o rexurdimento da literatura galega:

Rosalía de Castro nasceu em Santiago de Compostela no dia 24 de fevereiro de 1837, numa casa do *Camiño Novo* (hoje Rosalía de Castro). Assim é como a definem os autores da página da Fundación Rosalía de Castro.⁶⁶

Fráxil e profunda, sombra e luz, Rosalía de Castro transitou pola vida, con palabras, xa de revelación, xa de misterio, por camiños sempre adversos. Vivía nun país sen voz propia e foi ela a primeira, con entidade, en atopar o nome das cousas, o nome non escrito das nosas cousas. Acontecía esta prodixiosa invención en 1863, o ano daquel libro auroral e reivindicativo que se titula “Cantares gallegos”. Cantou a cotovía e xa todo foi distinto.

Na *Galicia*, apesar das produções anteriores, será a publicação de *Cantares Gallegos* de Rosalía de Castro, em 1863, o verdadeiro marco do início do renascimento da literatura galega. O *Rexurdimento* se consolidará, pois, com a publicação das obras em galego de Rosalía de Castro, visto que será justamente com essa escritora que a *Galicia* verá renascer plenamente a sua língua como instrumento de expressão literária⁶⁷. A partir do aparecimento e conseqüente sucesso de *Cantares Gallegos*

65 DÍAZ-PLAJA (org.) *Literatura vasca*, p.153

66 <http://www.rosaliadecastro.org/>

67 Na *Catalunya*, quem representará esse papel será Jacint Verdaguer que, segundo Antón María Espadaler: “... es el máximo poeta de la *Renaixença*, aquel que con una obra de gran magnitud la consolida y al mismo tiempo, por carisma y por la dimensión de las vicisitudes de su vida, el autor que alcanza una popularidad amplísima y también un reconocimiento internacional.” Espadaler. *Literatura catalana*, P.109 É ainda com Verdaguer que se conclui a *Renaixença*, conforme afirma Antoni Comas: “*El període anomenat Renaixença, inaugurat l'any 1833 amb l'Oda a la Pàtria d'Aribau, queda clos l'any 1877 amb L'Atlàntida. Verdaguer representa, doncs, la consumació i la consolidació del moviment.*” Comas. *Antologia de la literatura catalana*, p.240

...otros varios autores y editores se decidirán a emprender la arriesgada aventura de publicar obras en una lengua que carecía por completo de público, ya que los que la empleaban normalmente no tenían dinero para comprar libros, y además eran analfabetos, y los que habrían podido adquirirlos y leerlos los menospreciaban por estar escritos en un 'dialecto' inadecuado para todo lo que no fuese puramente folklórico. ⁶⁸

Nessa obra, escrita no galego que conheceu durante a vida numa aldeia, a poetisa dá novamente voz à *Galicia*, ressaltando os valores populares, ainda que não se considere totalmente apta para a missão, segundo afirma no *Prólogo*:

.. puxen o maior coidado en reproducir o verdadeiro espírito do noso pobo, e penso que o conseguín en algo... si ben dunha maneira débil e froxa. ¡ Queira o ceo que outro máis afortunado que eu poida describir cos seus cores verdadeiros os cuadros encantadores que por aquí se atopan inda no rincón máis escondido e olvidado, pra que así ó menos en fama, xa que non en proveito, gane e se vexa co respecto e admiración merecidas esta infortunada Galicia ! ⁶⁹

Em sua obra, além de desmistificar a imagem da Galicia como terra de pobres e sem importância, a autora demonstra seu objetivo de reafirmação da língua galega:

Cantarte hei, Galicia,
na lengua gallega,
consolo dos males,
alivio das penas. ⁷⁰

Em muitos de seus poemas, denuncia os maus tratos a que eram submetidos os galegos:

68 Vázquez Cuesta, Op. Cit., p.755

69 CASTRO. *Cantares Gallegos*, p.69

70 CASTRO. *Cantares Gallegos*, p. 134.

*Castellanos de Castilla,
tratade ben ós gallegos,
cando van, van como rosas;
cando vén vén como negros.*

.....
¡Castellanos de Castilla,
tendes corazón de aceiro,
alma como as penas dura,
e sin entrañas o peito!⁷¹

Combate ainda o preconceito que contra a *Galicia* nutria o resto da Espanha, considerada por Rosalía “mãe sem coração”, como verificamos nesse fragmento do poema *A Gaita Galega*, escrito em resposta ao poema *La gaita gallega* do poeta Ventura Ruiz de Aguilera:

...Probe *Galicia*, non debes
chamarte nunca española,
que España de ti se olvida
cando eres ¡ai ! tan hermosa.
Cal si na infamia naceras,
Torpe, de ti se avergonza,
i a nai que un fillo despresa
nai sin corazón se noma...⁷²

Além de reconhecida pelos intelectuais galegos⁷³ que, à época, viam renascer a consciência da sua identidade, a obra de Rosalía foi acolhida por um público inesperado:

... foi o pobo galego o receptor máis entusiasta dos Cantares, o que converteu a esta obra no libro clave para o encontro da súa identidade, o que fixo de Rosalía un auténtico mito, ata o punto que certos versos da nosa poetisa, en boca de xente, pasaron da ‘glosa’ ao ‘cantar’, como se talmente fosen anónimos.⁷⁴

71 Ibidem, p.150.

72 Ibidem, p.195.

73 Segundo nos conta Pilar Vázquez Cuesta, também os catalães identificaram-se com a sua poética. Rosalía foi convidada, em 1867, para os Jocs Florals de Barcelona, e no ano seguinte, Vicente Balaguer traduziu ao catalão os poemas *A gaita galega* e *Castellanos de Castilla*.

74 BAIXERAS In CASTRO, Op. cit. p.53

Rosalía, salvo os libros de poemas *Cantares Gallegos* e *Follas Novas* (1880) e o *Conto Gallego*, conhecido apenas em 1923, escreveu em castelhano o restante de sua obra. Figura, pois, em algumas histórias da Literatura Espanhola como um dos representantes do Romantismo espanhol, ainda que não receba o devido destaque e a sua obra seja analisada superficialmente: “El alma suave y fuerte a la vez de la escritora gallega alcanzó en castellano cadencias de un lirismo maternal y enérgico, logradamente exquisito y profundo.”⁷⁵

Alguns autores mencionam sua relevante contribuição para o crescimento da literatura galega, no que teria contribuído para o renascer de uma lírica “regional”:

... durante el romanticismo se opera un fenómeno importante: el renacimiento de la antigua lírica regional, iniciado en Cataluña por Buenaventura Carlos Aribau y en Galicia por un grupo de poetas entre los que se sobresaldrá un poco después Rosalía de Castro, poetisa de extraordinaria sensibilidad y genio lírico.⁷⁶

Ainda hoje Rosalía de Castro é reconhecida como um dos pilares da literatura e da nacionalidade galegas, razão pela qual é objeto de grandes homenagens e de publicações sobre sua obra. Em 1985, Xesús Alonso Montero organizou uma coletânea de setentas poemas a partir de uma colheita prévia de 500 composições: *Coroa poética para Rosalía de Castro*. Afirma ter privilegiado, na escolha dos poemas, a qualidade estética e reconhece a importância da coletânea para aproximar-nos de Rosalía:

Con frecuencia tamén Rosalía é pretexto, en ocasións léxítimo pretexto, para interpreta-la patria sumisa ou sometida (...) Cremos, pois, que esta Escolma, esta Coroa Poética de setenta poemas, ademais dun excelente libro de poesía, constitúe un achegamento insustituíble ó universo revelador e atormentado de Rosalía de Castro.⁷⁷

75 VALBUENA, SAZ, historia de la literatura española e hispano-americana. p.212-213.

76 DEL RÍO, Historia de la literatura española, desde 1700 hasta nuestros días, p.211

77 ALONSO MONTERO, Xesús. *Coroa poética para Rosalía de Castro*, p. 20

Vamos concluir esse trabalho apresentando alguns poemas da coletânea, que nos pintam Rosalía pelas mãos de grandes escritores e que nos dão uma idéia das marcas que a personalidade e o trabalho da poetisa deixaram nas mentes desses leitores ilustres. Assim nos mostra Miguel de Unamuno (em um poema de 1929) sua “leitura” de Rosalía e, por conseguinte, de vários símbolos culturais da Galicia:

Santiago de Compostela,
lluvia en las losas, el cielo
de piedra, y las piedras santas,
cielo romántico y céltico.
Embozo de lluvia mansa
y terca, dulce consuelo,
llora riendo y se ríe
con tonada de gaitero.
Prisciliano y Rosalía,
morriña y botafumeiro;
cuenta leyendas remotas
con sus conchas el romero.
La muiñeira en la verdura
del arrabal solariego;
el Pórtico de la Gloria
abre su pecho gallego.

Também o grande Federico García Lorca, em 1935, prestou sua homenagem poética a Rosalía, escrevendo em galego essa bela recriação, misto de cantiga medieval e de cantiga de ninar, povoada por referências ao traslado de seus restos mortais a Santiago de Compostela: *Canção de cuna pra Rosalía de Castro, morta*.

¡Érguete, miña amiga,
que xa cantan os galos do día!
¡Érguete, miña amada,
porque o vento muxe como unha vaca!

Os arados van e vén
dende Santiago a Belén.
Dende Belén a Santiago

un anxo ven en un barco.
Un barco de prata fina
que trai a door de Galicia.
Galicia deitada e queda
transida de tristes herbas.
Herbas que cobren teu leito
e a negra fonte dos teus cabelos.
Cabelos que van ó mar
onde as nubens teñen seu nido pombal.
¡Érguete, miña amiga,
que xa cantan os galos do día!
¡Érguete, miña amada,
porque o vento muxe como unha vaca!

Rosalía permanece viva no imaginário do povo galego como a defensora da nacionalidade galega através da utilização na poesia da sua língua própria e da pintura das belezas e riquezas culturais da Galicia. Continuamos até hoje aguçando os ouvidos para seus gritos de liberdade.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO MONTERO, Xesús. Discurso pronunciado por Xesús Alonso Montero no acto en que recibiu o Pedrón de Ouro. Apud: **RODRÍGUEZ FER**, Claudio. *Comentarios de textos populares e de masas*. Vigo: Xerais, 1994. (Universitaria Manuais).

_____. (org.). *Coroa poética para Rosalía de Castro*. Ano Rosaliano 1985. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1992. (Síntese universitária; 36)

CALVET, Louis-Jean. *A guerra das linguas*; e as políticas lingüísticas. Trad. Xoan Manuel Garrido Vilariño. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1995. (Ensaio).

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. (Série Temas, 1, Estudos literários)

CASTRO, Rosalía de. *Cantares gallegos*. Edición de Xavier Rodríguez Baixeras. Vigo: Xerais, 1990. (Biblioteca das letras galegas).

COMAS, ANTONI. *Antoloxía de la literatura catalana*. Barcelona: Diáfora, 1981.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1968. v.1.

DEL RÍO, Ángel. *Historia de la literatura española*; desde los orígenes hasta 1700. V.1. Barcelona: Ediciones B, 1996.

_____. *Historia de la literatura española*; desde 1700 hasta nuestros días. V.2. Barcelona: Ediciones B, 1996.

DIAZ-PLAJA, Guillermo (org.). *Literatura vasca*. 3.ed. Madrid: Novelas y cuentos, 1981. (Tesoro Breve de las Letras Hispánicas; Serie Mosaico Español I)

ESPADALER, Antón M^a. *Literatura catalana*. Madrid: Taurus, 1989 (Colección Historia Crítica de la Literatura Hispánica, 27).

EVEN-ZOHAR, Itamar. La función de la literatura en la creación de las naciones de Europa. In: VILLANUEVA, Darío. (Org.) *Avances en teoría de la literatura*, estética de la recepción, pragmática, teoría empírica y teoría de los polisistemas. Santiago de Compostela: Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio científico, 1994. P.357-377 (Avances en...; 3)

fernández DEL RIEGO, Francisco. *Manual de historia da literatura galega*. 5.ed. Vigo: Editorial Galaxia, 1981.

_____. *Pensamento galeguista no século XIX*. Vigo: Editorial Galaxia S/A, 1983. (Colección Básica da Cultura Galega).

GARCÍA MOUTON, Pilar. *Lenguas y dialectos de España*. 2. ed. Madrid: Arco Libros, 1996. (Cuadernos de Lengua Española, S)

GONZÁLEZ LÓPEZ, Emilio. *Historia de Galicia*. La Coruña: La voz de Galicia, 1980. (Colección Biblioteca Gallega, Serie Nova).

GUTIÉRREZ, Angela Maria Rossas Mota de. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Fortaleza: EUFC / Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

IGLESIAS SANTOS, Montserrat. El sistema literario: teoría empírica y teoría de los polisistemas. In: VILLANUEVA, Darío. (Org.) *Avances en teoría de la literatura*, estética de la recepción, pragmática, teoría empírica y teoría de los polisistemas. Santiago de Compostela: Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio científico, 1994. p. 309-356 (Avances en...; 3)

REVISTA ÉPOCA. nº 648, del 22 al 28 de julio de 1997 suplemento especial GALICIA MÁGICA p.38-41.

RÍOS PANISSE, Nuestra Bandera Literaria de Antolín Faraldo, primeiro manifesto artístico galeguista. In: *Anuario de Estudios Galegos* 1993.

ROMERO, Marga (Org. e Trad.) *Entrevistas a R. Dieste*. Vigo: Nigra, 1994. (Colección Conversas).

STÖRIG, Jans Joachim. *A aventura das línguas*. Trad. Glória Paschoal de Camargo. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

TARRÍO VARELA, Anxo. *Literatura galega*, aportacións a unha historia crítica. Vigo: Xerais, 1994(Universitaria Manuais).

VALBUENA PRAT, Ángel, DEL SAZ, Agustín. *Historia de la literatura española e hispanoamericana*. 6.ed. Barcelona: Editorial Juventud, 1986.

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar. Literatura gallega. In: DÍEZ BORQUE, José María (Org.) *Historia de las literaturas hispánicas no castellanas*. Madrid: Taurus, 1980.

VILAVEDRA FERNÁNDEZ, Dolores (Org.). *Diccionario da literatura galega*, I Autores. Vigo: Galaxia, 1995.